

A língua dos Sete

■ Abre hoje em Vila Franca de Xira a primeira sala portuguesa de cinema IMAX. Integrada no novo Vilafranca Centro e administrada por Eduardo Nunes Rodrigues, a sala constituirá, entre nós, a revelação de um sistema de projecção de grande ecrã que muitos consideram já o «cinema do futuro». No mesmo centro existirão duas salas da Lusomundo, inauguradas também hoje com os filmes *Forrest Gump* e *Wyatt Earp*.

■ «Manobras de Inverno» é mais uma operação do grupo da Associação Manobras, que promete para 11 de Dezembro um novo desfile de jovens estilistas, desta vez, no Mercado da Ribeira. Estão previstas 18 passagens pela «passerelle», 46 criadores e música sintonizada pelos DJ da XFM. Ao contrário das «Manobras de Maio», da Rua do Século, que decorreram durante a tarde, as «Manobras de Inverno» realizam-se à noite, a partir das 22h. Europa, é o tema das colecções apresentadas pelos criadores. Entretanto, prevêem-se mais acontecimentos de intervenção urbana para o início de 95: «Massacra I», uma colectiva de arte sacra «contemporânea» no Convento dos Inglesinhos que inclui exposições de pintura, escultura, música, ourivesaria, fotografia e cerâmica, é o que se segue.

■ *Interview with the Vampire*, o novo filme de Tom Cruise, conseguiu a quarta maior abertura de sempre do cinema americano: 38,7 milhões de dólares nos primeiros três dias de exibição. Dirigido por Neil Jordan (*Jogo de Lágrimas*), o filme baseia-se no «best-seller» de Anne Rice; no seu elenco figuram ainda Brad Pitt, Antonio Banderas e Christian Slater.

■ Jazz, no Bairro Alto, e circo, no Campo Pequeno, são duas propostas da Associação Abraço, que promove esta semana em Lisboa dois espectáculos cuja receita reverte a favor dos doentes com sida. Assim, quarta-feira, pelas 23h, no Café Luso, o saxofonista Carlos Martins toca em quarteto, acompanhado pelos músicos Bernardo Sassetti (piano) e Carlos Barreto (baixo) e pela baterista norte-americana Cindy Blackman. E quinta-feira, às 21h30, actua o Circo Chen. Além das habituais atrações circenses, promete-se uma «participação» de jogadores do Sporting e do Benfica, que irão leiloar três bolas autografadas pelas respectivas equipas e sortear dois equipamentos completos.

■ «O Sentir e o Sentido» é o título dos Encontros de Psicologia e Arte, que têm início hoje, às 9h, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) e decorrem até Janeiro de 95. «O Acto Criativo», «Generalidades», «A Cultura Bordinale do Nosso Tempo» ou «Se não sabe música... porque é que toca?», por Nuno Rocha, Pedro Bidarra, Victor Rodrigues e Pedro Onofre, respectivamente, são alguns dos temas de abertura. No próximo sábado (26) prosseguem os Encontros. «Música» é o tema do debate, no qual estarão presentes António Vitorino de Almeida, Rodrigo Leão (ex-Madredeus), Adolfo Luxúria Canibal (Mão Morta), Paulo Brandão (compositor/professor do Conservatório de Lisboa) e Rui Neves (jornalista da TFS).

SE NÃO se tratasse de um assunto da língua portuguesa, falaríamos de um «deuxième souffle». Mas a questão diz respeito à lusofonia (recorra-se à palavra, ainda que não tenha curso oficial entre os «sete», que poderiam ser oito se o exército indonésio deixasse) e é inegavelmente importante, mesmo que subsistam dúvidas quanto aos resultados. O certo, segundo disse ao EX-PRESSO o embaixador José Aparecido de Oliveira, é que desta vez a 2ª Cimeira dos países de língua oficial portuguesa vai realizar-se, em Lisboa, no dia 30 deste mês. E o diplomata brasileiro acha que vai dar certo (expressão nossa, mas podia ser dele).

Assim, no fim do mês, Itamar Franco, Presidente cessante do Brasil, representará o seu país numa reunião internacional que retomará a agenda praticamente interrompida desde a 1ª Cimeira (Brasil, Maio de 1991). Itamar chegará a Lisboa no dia 27, avistando-se a 30 com o primeiro-ministro Cavaco Silva. Objectivo principal: institucionalizar

a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), sonho do embaixador Aparecido de Oliveira. O Governo português afirma a sua adesão (veja-se a entrevista do secretário de Estado da Cooperação, Brios e Gala, no «Jornal de Letras» de 9/11/94) e é de crer que também os Estados africanos que adoptaram o português adiram, em geral, à iniciativa.

É evidente que a CPLP não é uma proposta polémica; qualquer dos países que usam a nossa língua só pode saudar iniciativas que aumentem a sua projecção internacional e mantenham a desejável coesão entre os utentes. No entanto, os seus contornos e alcance não estão ainda totalmente definidos, reconhecidos — e conhecidos. E alguns dos Estados que aderirem poderão ter reservas quanto à eventual liderança do projecto — pelo Brasil, por Portugal, por uma parceria luso-brasileira? Se a concretização da Cimeira é muito provável (embora as ausências de José Eduardo dos Santos, e talvez, por moti-

vos diferentes, de Joaquim Chissano, possam prejudicar a sua eficácia, se não a sua validade), e se os seus efeitos numa primeira fase — a da institucionalização político-jurídica e afirmação programática — se afiguram largamente consensuais, um outro «dossier» pode oferecer mais dúvidas. É o do Acordo Ortográfico, que o Senado brasileiro deverá apreciar esta semana, e que, quando aprovado, terá rapidamente efeitos práticos. Tanto no Brasil como em Portugal há sectores (da indústria e comércio do livro ou dos meios intelectuais) que descreem da bondade do acordo ou que estão mesmo convencidos de que os inconvenientes superarão as vantagens. O embaixador José Aparecido mostra-se confiante na «vontade política» (pelo menos do lado brasileiro) quanto à consagração da CPLP e quanto à aprovação do acordo; um duplo «dossier» que volta à ordem do dia e cujas consequências conheceremos a curto ou médio prazo.

FRANCISCO BELARD

Uma obra singular

ESCREVE Maria Lúcia Lepecki: «Alice Vieira é um caso [...] onde, antes do mais, o literário existe.» O Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças, que acaba de distinguir o conjunto da sua obra, é disso mesmo a confirmação. Na base deste reconhecimento está a quantidade dos títulos publicados (cerca de dezena e meia de narrativas juvenis, em pouco mais de dez anos e com inúmeras reedições) associada a uma qualidade de escrita sem oscilações, a uma crescente mestria na construção narrativa e ao dom de criar heróis problemáticos, verossímeis, psicologicamente consistentes.

Alice Vieira é, neste momento, a escritora portuguesa de livros para jovens mais divulgada no estrangeiro. A ouvidos atentos não escapou a citação do seu nome, por conferencistas insuspeitos, nos dois últimos congressos internacionais do IBBY, o que se justifica em parte pelo número de títulos já traduzidos, mas fica sobretudo a dever-se à qualidade dos seus textos, confirmada, por exemplo, pela inclusão de *Rosa Minha Irmã Rosa* na *Auswahl der Deutschen Jugend Literatur Preis*.

Desde essa espécie de diário de uma menina de 9 anos perturbada pelo ciúme que é *Rosa Minha Irmã Rosa* (1979) a *Os Olhos de Ana Marta* (1990) — epístola a uma irmã morta cujo desaparecimento está na origem do desequilíbrio emocional de uma família e, em consequência, do abandono afectivo a que a protagonista é votada —, Alice Vieira percorreu um longo caminho. Numa escrita enxuta, cuja carga poética se acentua nas descrições de devaneios oníricos e, em certos momentos, de um lirismo pungente (dos quais a pieguice fácil e a retórica inútil estão ausentes), a autora de *Chocolate à Chuva* tem-nos dado algumas das imagens mais vívidas e autênticas do mundo da infância e adolescência que encontramos na nossa literatura contemporânea.

Muitos dos seus romances colocam o leitor perante personagens jovens no centro de um drama afectivo. Elas exprimem uma visão sensível e crítica das relações entre crianças e adultos, num quadro social que torna reconhecível o quotidiano familiar de franjas da pequena burguesia lisboeta nos anos que se seguiram ao 25 de Abril. Em *Rosa Minha Irmã Rosa*, por exemplo, redescobrimos certas tensões da sociedade portuguesa dos

finais dos anos 70, filtradas por um olhar infantil.

Os relatos de Alice Vieira revelam uma atenção peculiar às interacções entre amigos e entre irmãos, às relações da criança com pais e avós ou à realidade das famílias monoparentais. O fascínio perante os poderes da linguagem e a importância da memória, a consciência do tempo e o desabrochar da sexualidade constituem outros temas de



Alice Vieira: Prémio Gulbenkian

uma obra que aborda, de modo sensível, a orfandade afectiva dos protagonistas (em *Flor de Mel*), os desejos de afirmação juvenil (em *Úrsula, a Maior*) ou o confronto dos mais novos com a solidão e a realidade da morte (em *Flor de Mel* ou em *Os Olhos de Ana Marta*).

Muito embora as situações de partida sejam dolorosas e de difícil superação para as personagens, quase todas as histórias exprimem uma certa esperança. Como no desfecho do primeiro livro. Vencido o ciúme, descoberta a importância da irmã para «o equilíbrio da sua vida», Mariana pode afirmar, nos momentos que antecedem a chega-

da de Rosa do hospital: «Sonhar todos os países onde hei-de ir com ela. E ter mais força. [...] Só porque a partir de agora eu já não estou sozinha, e é bom não estar sozinha nunca mais. Recordar o amigo que um dia me disse: 'Tudo é importante para o equilíbrio da nossa vida'» (in *Rosa Minha Irmã Rosa*).

Seria injusto esquecer outras facetas desta obra. O humor e a crítica social estão patentes em todos os textos, adquirindo especial relevo tanto no teatro (*Leandro, Rei da Helíria*) como em narrativas de fundo histórico (*A Espada do Rei Afonso* e *Este Rei Que Eu Escolhi*). Por vezes, certas figuras típicas dos contos de fadas vêm o seu estatuto tradicional subvertido; o maravilhoso actualiza-se, revestindo-se de um novo sentido crítico, como sucede em *Graças e Desgraças da Corte de El-Rei Tadinho*.

Este mesmo fascínio pela literatura popular está na origem de um outro projecto que vem ocupando a autora: uma adaptação criteriosa de 12 contos portugueses, publicados pela Caminho. Também o recente lançamento de uma antologia de poesia de raiz oral, destinada aos mais novos (*Eu Bem Vi Nascer o Sol*), confirma o interesse de Alice Vieira pela tradição popular e pelos seus intérpretes. Não surpreende, pois, nos seus textos, a sobrevivência de uma memória cultural ligada à imagem mítica do contador de histórias familiar, encarnado em personagens como a criada Leonor (de *Os Olhos de Ana Marta*), a avó Lídia (de *Rosa Minha Irmã Rosa*) ou a avó Rosário (de *Flor de Mel*).

O Grande Prémio Gulbenkian não consagra apenas uma obra singular no actual panorama do livro juvenil em Portugal — distingue também todo um trabalho de retransmissão da memória e de sensibilização à diversidade do mundo, em livros nos quais a literatura e o didactismo nunca se confundem. O compromisso de Alice Vieira tem exclusivamente a ver com a linguagem poética e com o desejo de estimular nos jovens não só a curiosidade em relação ao Outro e à realidade de que o cerca mas também a descoberta do seu próprio universo interior. É no modo como se mostra fiel a estes princípios que esta obra revela a profundidade do seu sentido pedagógico.

JOSÉ ANTÓNIO GOMES